

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES  
SABAA TAHIR



VERUS  
EDITORA

UM  
ASSASSINO  
NOS  
PORTÕES

LIVRO 3

UMA CHAMA ENTRE AS CINZAS

S A B A A T A H I R

UM  
ASSASSINO  
NOS  
PORTÕES

Tradução  
Jorge Ritter

1ª edição

---

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2020



VERUS  
EDITORA

**Editora**

Raíssa Castro

**Coordenadora editorial**

Ana Paula Gomes

**Copidesque**

Maria Lúcia A. Maier

**Revisão**

Ana Paula Gomes

**Diagramação da versão impressa**

Beatriz Carvalho

Júlia Moreira

**Título original***A Reaper at the Gates*

ISBN: 978-85-7686-845-3

Copyright © Sabaa Tahir, 2018

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2020

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

**Verus Editora Ltda.**

Rua Benedito Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753  
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

T136a

Tahir, Sabaa

Um assassino nos portões [recurso eletrônico] / Sabaa Tahir; tradução Jorge Ritter. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Campinas [SP]: Verus, 2020.

recurso digital (Uma chama entre as cinzas; 3)

Tradução de: A reaper at the gates

Sequência de: Uma tocha na escuridão

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-845-3 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Ritter, Jorge. II. Título. III. Série.

20-66425

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

*Para Renée, que conhece meu coração.  
Para Alexandra, que mantém minhas esperanças.  
E para Ben, que compartilha o sonho.*

# SUMÁRIO

## PARTE I | O REI SEM NOME

I | O portador da noite

II | Laia

III | Elias

IV | A águia de sangue

V | Laia

VI | Elias

VII | A águia de sangue

VIII | Laia

IX | Elias

X | A águia de sangue

## PARTE II | INFERNO

XI | Laia

XII | Elias

XIII | A águia de sangue

XIV | Laia

XV | Elias

XVI | A águia de sangue

XVII | Laia

XVIII | Elias

XIX | A águia de sangue

XX | Laia

XXI | Elias  
XXII | A águia de sangue  
XXIII | Laia  
XXIV | Elias  
XXV | A águia de sangue  
XXVI | Laia  
XXVII | Elias  
XXVIII | A águia de sangue  
XXIX | Laia  
XXX | Elias

### PARTE III | ANTIUM

XXXI | A águia de sangue  
XXXII | Laia  
XXXIII | A águia de sangue  
XXXIV | Elias  
XXXV | A águia de sangue  
XXXVI | Laia  
XXXVII | Elias  
XXXVIII | A águia de sangue  
XXXIX | Laia  
XL | Elias  
XLI | A águia de sangue  
XLII | Laia  
XLIII | A águia de sangue  
XLIV | Laia  
XLV | Elias

### PARTE IV | CERCO

XLVI | A águia de sangue  
XLVII | Laia  
XLVIII | A águia de sangue  
XLIX | Laia

L | Elias  
LI | A águia de sangue  
LII | Laia  
LIII | Elias  
LIV | Laia  
LV | A águia de sangue  
LVI | Laia

## PARTE V | AMADO

LVII | A águia de sangue  
LVIII | O apanhador de almas  
LIX | O portador da noite

Agradecimentos

PARTE I  
O REI SEM NOME

# I

## O PORTADOR DA NOITE

*Você ama demais, meu rei.*

Minha rainha falou essas palavras muitas vezes nos séculos que passamos juntos. Em um primeiro momento, com um sorriso. Mas, nos últimos anos, com o cenho franzido. Seu olhar pousava em nossas crianças enquanto elas corriam de um lado para o outro pelo palácio, seus corpos bruxuleando de chama a carne, minúsculos ciclones de beleza impossível.

— Temo por você, Meherya. — A voz dela estremeceu. — Temo o que fará se algo ruim acontecer àqueles que ama.

— Nada acontecerá com você. Eu prometo.

Eu falava com a paixão e a insensatez da juventude, embora não fosse, é claro, jovem. Naquele dia, as brisas que vinham do rio despenteavam seus cabelos negros como a noite, e a luz do sol escorria como ouro líquido através das cortinas transparentes das janelas. Ela iluminava a pele morena de nossos filhos enquanto eles corriam aos risos, deixando um rastro de fogo pelo chão de pedra.

Seus temores a mantinham cativa. Segurei suas mãos.

— Eu destruiria quem quer que ousasse machucá-la — falei.

— Meherya, não. — Eu me perguntei nos anos desde então se ela já temia o que eu me tornaria. — Jure que jamais faria isso. Você é o nosso Meherya. O seu coração é feito para amar. Para dar. Não para tomar. É por isso que você é o rei dos djinns. Prometa.

Fiz duas promessas aquele dia: proteger, sempre. Amar, sempre.

No espaço de um ano, havia quebrado ambas.



A Estrela encontra-se pendurada na parede da caverna, distante de olhos humanos. É um diamante de quatro pontas, com uma fenda estreita no alto. Estriamentos finos se entrecruzam sobre ela, uma lembrança do dia em que os Eruditos a despedaçaram após aprisionar o meu povo. O metal reluz de maneira intermitente, potente como o brilho de uma fera selvagem fechando o cerco sobre a presa. Que vasto poder contido nessa arma — suficiente para destruir uma cidade antiga, um povo ancestral. Suficiente para aprisionar os djinns por mil anos.

E suficiente para libertá-los.

Como se sentisse o bracelete que se adere ao meu pulso, a Estrela chocalha, ansiando pelo pedaço que falta. Um forte arrepio percorre meu corpo quando ofereço o bracelete, e ele se desprende, longo com uma enguia, para se juntar à Estrela. A falha encolhe.

As quatro pontas da Estrela resplandecem, iluminando os cantos distantes da caverna de granito manchada, gerando uma onda de sibilos irados das criaturas à minha volta. Então o brilho desaparece, deixando apenas a luz pálida do luar. Ghuls silvam junto aos meus tornozelos.

*Mestre. Mestre.*

Para além deles, o Lorde Espectral aguarda minhas ordens, assim como os reis e rainhas efrits — do vento e do mar, da areia e da caverna, do ar e da neve.

Enquanto eles observam, silenciosos e desconfiados, considero o pergaminho em minhas mãos. É discreto como a areia. O conteúdo das palavras, não.

Ao meu chamado, o Lorde Espectral se aproxima. Ele se submete com relutância, intimidado por minha magia, lutando para se livrar de mim. Mas ainda preciso dele. Os espectros são fragmentos díspares de almas perdidas, reunidos através da magia antiga e indetectáveis quando assim o desejam. Mesmo pelos famigerados Máscaras do Império.

Quando lhe ofereço o pergaminho, eu a ouço. A voz da minha rainha é um sussurro, suave como uma vela em uma noite fria. *Se fizer isso, você jamais voltará. Toda esperança estará perdida para você, Meherya. Considere.*

Sigo seu pedido. E considero.

Então lembro que ela está morta há um milênio. Sua presença é uma ilusão. Sua voz é minha fraqueza. Estendo o pergaminho para o Lorde Espectral.

— Certifique-se de que este pergaminho chegue às mãos da Águia de Sangue, Helene Aquilla — digo a ele. — E ninguém mais.

Ele faz uma mesura e os efrits flutuam em minha direção. Ordeno que os efrits do ar se afastem; tenho uma tarefa diferente para eles. Os demais se ajoelham.

— Há muito tempo, vocês concederam aos Eruditos o conhecimento que levou à destruição do meu povo e do mundo sobrenatural. — Um choque de lembrança se propaga entre as fileiras. — Ofereço a vocês a chance de se redimirem. Procurem nossos novos aliados no sul. Ajudem-nos a compreender o que eles podem convocar dos lugares sombrios. A Lua da Semente ascenderá em seis meses. Quero isso feito bem antes. E vocês — os ghuls se aproximam —, endireitem-se. Não me decepcionem.

Assim que todos me deixam, contemplo a Estrela e penso na djinn traiçoeira que ajudou a lhe dar vida. Talvez, para um ser humano, a arma brilhasse auspiciosamente.

Eu sinto apenas ódio.

Um rosto flutua em minha mente: Laia de Serra. Lembro do calor de sua pele sob minhas mãos, seus pulsos se entrelaçando em meu pescoço, o modo como ela fechava os olhos e a cavidade dourada de seu pescoço. Ela me lembrava a soleira da minha antiga casa e sua palha fresca. Ela me transmitia segurança.

*Você a amava, diz minha rainha. E então a machucou.*

Minha traição à garota erudita não deveria perdurar. Enganei centenas antes dela.

No entanto, o mal-estar não me abandona. Algo inexplicável ocorreu após Laia de Serra ter me dado seu bracelete — após ela ter se dado conta de que o garoto que ela chamava de Keenan não passava de uma invenção. Como todos os humanos, ela viu em meus olhos os momentos mais sombrios de sua vida. Mas, quando olhei em sua alma, algo — *alguém* — espiou de volta: minha rainha, me encarando através dos séculos.

Eu vi seu horror. Sua tristeza diante do que me tornei. Sua dor em face do que nossas crianças e nosso povo sofreram nas mãos dos Eruditos.

Penso em minha rainha a cada traição. Voltando mil anos, a cada humano encontrado, manipulado e amado até me dar livremente seu pedaço da Estrela, repleto de amor no coração. De novo, de novo e de novo.

Mas eu jamais a tinha visto no olhar de outra pessoa. Jamais sentira a lâmina afiada de seu desapontamento de forma tão aguda.

Mais uma vez. Só mais uma vez.

Minha rainha diz: *Não faça isso. Por favor.*

Subjugo sua voz. Subjugo sua memória. Acho que não vou ouvi-la novamente.

## II

# LAIA

Tudo sobre esse ataque-surpresa parece errado. Darin e eu sabemos disso, mesmo que nenhum dos dois esteja disposto a falar.

Embora meu irmão não fale muito mesmo ultimamente.

As carruagens fantasmas que seguimos finalmente diminuem a velocidade, até parar perto de um vilarejo marcial. Eu me levanto dos arbustos carregados de neve onde nos abrigamos e anuo em direção a Darin. Ele segura minha mão e a aperta. *Cuidado.*

Procuro minha invisibilidade, um poder desperto em mim recentemente, ao qual ainda estou me acostumando. Minha respiração sobe em espirais de nuvens brancas, como uma cobra ondulando ao som de uma canção desconhecida. Em outras partes no Império, a primavera já espalhou suas florações. Mas tão próximo de Antium, a capital, o inverno ainda castiga nosso rosto com seus dedos gelados.

A meia-noite passa, e as poucas lamparinas que ainda queimam no vilarejo crepitam ao vento crescente. Quando atravesso a área onde está a caravana de prisioneiros, baixo a voz e pio como uma coruja-da-neve, bastante comum nesta parte do Império.

À medida que avanço sorrateiramente em direção às carruagens fantasmas, sinto a pele comichar. Giro de um lado para o outro, meu instinto vindo à tona de sobreaviso. O alto da colina mais próxima está vazio, e os soldados auxiliares marciais de guarda não movem um fio de cabelo. Nada parece fora do lugar.

*Você só está nervosa, Laia. Como sempre.* Do nosso acampamento nas cercanias do Lugar de Espera, a trinta quilômetros daqui, Darin e eu planejamos e executamos seis ataques-surpresa a caravanas de prisioneiros do Império. Meu

irmão não forjou um único fragmento de aço sérrico. Eu não respondi às cartas de Araj, o líder erudito que escapou da Prisão Kauf conosco. Mas, com Afya Ara-Nur e seus homens, ajudamos a libertar mais de quatrocentos Eruditos e Tribais nos últimos dois meses.

Ainda assim, isso não garante sucesso com essa caravana. Essa caravana é diferente.

Para além do entorno, figuras familiares em trajes negros avançam das árvores em direção ao acampamento. Afya e seus homens reagem ao meu sinal e se preparam para atacar. A presença deles me dá coragem. A Tribal que me ajudou a libertar Darin da Prisão Kauf é a única razão pela qual temos conhecimento dessas carruagens fantasmas — e do prisioneiro que elas transportam.

As chaves mestras são lâminas de gelo em minha mão. Seis carruagens estão paradas em um meio círculo, com duas carretas de provisões abrigadas entre elas. A maioria dos soldados está ocupada com cavalos e fogueiras. A neve cai em rajadas, ferroando meu rosto enquanto chego à primeira carruagem e começo a trabalhar no cadeado. Os pinos dentro dele são enigmas para minhas mãos que congelam, desajeitadas. *Mais rápido, Laia.*

A carruagem está em silêncio, como se estivesse vazia. Mas isso não me engana. Logo o choro de uma criança rompe a quietude. Ele é rapidamente calado. Os prisioneiros aprenderam que o silêncio é a única maneira de evitar o sofrimento.

— Onde eles se meteram, inferno? — uma voz grita perto do meu ouvido. Quase deixo cair as chaves mestras. Um legionário passa por mim a passos largos, e um arrepio de pânico desce espinha abaixo. Não ousou respirar. *E se ele me vir? E se minha invisibilidade falhar?* Já aconteceu antes, quando estou sob ataque ou numa multidão grande demais.

— Acorde o hospedeiro. — O legionário se volta para o auxiliar, que se apressa em sua direção. — Diga para ele buscar um barril e preparar os quartos.

— A hospedaria está vazia, senhor. O vilarejo parece abandonado.

Marciais não abandonam vilarejos, mesmo no auge do inverno. A não ser que uma praga tenha passado. Mas Afya teria ouvido falar, se fosse esse o caso.

*As razões deles para partir não lhe dizem respeito, Laia. Abra os cadeados.*

O auxiliar e o legionário seguem em silêncio em direção à hospedaria. Assim que eles estão fora de vista, insiro as chaves no cadeado. Mas o metal range, duro com o orvalho congelado.

*Vamos lá!* Sem Elias Veturius para lidar com metade dos cadeados, tenho de trabalhar duas vezes mais rápido. Não tenho tempo para pensar em meu amigo e, no entanto, não consigo dissipar minha preocupação. Sua presença durante os ataques-surpresa evitou que fôssemos pegos. Ele *disse* que estaria aqui.

Mas em que céus Elias foi se meter? Ele nunca me deixou na mão. *Não quando estamos falando em ataques-surpresa, pelo menos.* Será que Shaeva descobriu que ele trouxe furtivamente Darin e eu de volta da cabana nas Terras Livres através do Lugar de Espera? E o está punindo?

Eu sei pouco sobre a Apanhadora de Almas — ela é tímida, e presumo que não gostou de mim. Às vezes, quando Elias emerge do Lugar de Espera para nos visitar, sinto a djinn nos observando e não percebo rancor algum. Apenas tristeza. Mas os céus sabem que eu não sou boa em captar hostilidades ocultas.

Se fosse qualquer outra caravana — qualquer outro prisioneiro que estivéssemos tentando soltar —, eu não teria arriscado Darin, os Tribais ou a mim mesma.

Mas devemos a Mamie Rila e aos demais prisioneiros da tribo Saif tentar libertá-los. A mãe tribal de Elias sacrificou seu corpo, sua liberdade e sua tribo para que eu pudesse salvar Darin. Não posso falhar com ela.

*Elias não está aqui. Você está sozinha. Vamos!*

O cadeado finalmente se abre, e vou para a próxima carruagem. Nas árvores a alguns metros de distância, Afya deve estar praguejando pelo meu atraso. Quanto mais tempo eu levar, maior a probabilidade de os Marciais nos pegarem.

Quando arrombo o último cadeado, sussurro um sinal. *Zum. Zum. Zum.* Dardos zunem através do ar. Os Marciais que estão na área caem silenciosamente, desmaiados pelo raro veneno sulista que recobre os dardos. Meia dúzia de Tribais se aproxima dos soldados e corta a garganta deles.

Olho para o outro lado, embora ainda consiga ouvir o ruído da carne sendo rasgada, o gorgolejar de uma última respiração. Eu sei que é preciso fazer isso. Sem o aço sérrico, o povo de Afya não pode enfrentar os Marciais de igual para igual, pois suas espadas vão quebrar. Mas há uma eficiência na sua maneira de

matar que congela meu sangue. Eu me pergunto se um dia vou me acostumar com isso.

Uma forma pequena sai das sombras, a arma reluzindo. As tatuagens complexas que a marcam como uma zaldara, a chefe de sua tribo, estão escondidas sob as longas mangas escuras. Sibilo para Afya Ara-Nur para alertá-la sobre minha localização.

— Já não era sem tempo. — Ela olha em volta de relance, as tranças negras e vermelhas balançando. — Onde em dez infernos Elias se meteu? Ele consegue desaparecer agora também?

Elias finalmente contou a Afya sobre o Lugar de Espera, sua morte na Prisão Kauf, sua ressurreição e seu acordo com Shaeva. Naquele dia, a Tribal não cansou de xingá-lo de tolo antes de me encontrar. “Esqueça-o, Laia”, ela disse. “É idiotice se apaixonar por um rapaz que já esteve morto e conversa com fantasmas, não importa quão bonito ele seja.”

— Elias não veio.

Afya pragueja em sadês e se dirige às carruagens. Explica em voz baixa aos prisioneiros que eles devem seguir seus homens em absoluto silêncio.

Gritos e o barulho seco e agudo da corda de um arco ecoam do vilarejo, a cinquenta metros de onde me encontro. Deixo Afya para trás e corro na direção das casas onde, em um beco escuro ao lado da hospedaria, os combatentes de Afya se esquivam de meia dúzia de soldados do Império e do legionário no comando. Flechas e dardos tribais voam, contrapartidas hábeis para as lâminas mortais dos Marciais. Mergulho na briga, batendo violentamente com o punho da adaga na têmpora de um auxiliar. Não precisava ter me incomodado. Os soldados tombam rapidamente.

Rápido demais.

Deve haver mais homens por aqui — uma força oculta. Ou um Máscara à espreita, escondido.

— Laia. — Tenho um sobressalto ao ouvir meu nome. A pele dourada de Darin está escura de lama para disfarçar sua presença. Um capuz esconde o cabelo cor de mel despenteado, que finalmente cresceu. Olhando para ele, ninguém diria que passou seis meses na Prisão Kauf. Mas, em sua mente, meu irmão ainda combate seus demônios. E são esses demônios que o impedem de produzir o aço sérrico.

*Ele está aqui agora, digo severamente para mim mesma. Lutando. Ajudando. As armas virão quando ele estiver pronto.*

— Mamie não está aqui — ele diz, virando quando toco seu ombro, a voz abatida pelo desuso. — Encontrei o filho de criação dela, Shan. Ele disse que os soldados a tiraram da carruagem quando a caravana parou para descansar à noite.

— Ela deve estar no vilarejo — digo. — Leve os prisioneiros daqui. Vou encontrá-la.

— O vilarejo não devia estar deserto — Darin observa. — Isso não está me cheirando bem. Vá você. Vou procurar Mamie.

— Um de vocês tem de encontrá-la. — Afya surge atrás de nós. — Porque eu não vou fazer isso, e precisamos esconder os prisioneiros.

— Se algo der errado — argumento —, posso usar minha invisibilidade para escapar. Encontro vocês no acampamento assim que possível.

Meu irmão ergue as sobrancelhas, considerando minhas palavras de seu jeito calado. Quando quer, ele é tão impassível quanto as montanhas — tal qual nossa mãe.

— Eu vou aonde você for, mana. Elias concordaria. Ele sabe...

— Se você é tão amiguinho de Elias — sibilo —, diga a ele que, da próxima vez que ele prometer nos ajudar em um ataque-surpresa, precisa cumprir com a palavra.

A boca de Darin se curva em um breve sorriso torto. O sorriso da nossa mãe.

— Laia, eu sei que você está brava com ele, mas...

— Céus, me poupem dos homens em minha vida e de todas as coisas que eles acham que sabem. Se mande daqui. Afya precisa de você. Os prisioneiros também. Vá.

Antes que ele proteste, saio correndo vilarejo adentro. Não passa de uma centena de cabanas com telhados de sapê que se curvam sob a neve, em ruas estreitas e escuras. O vento uiva pelos jardins bem cuidados, e quase tropeço em uma vassoura abandonada em uma ruela. Os moradores deixaram este lugar recentemente, posso sentir, e estavam apressados.

Avanço cuidadosamente, desconfiada do que pode estar à espreita nas sombras. As histórias sussurradas em tavernas e em torno de fogueiras tribais me assombram: espectros cortando a garganta de Navegantes. Famílias de

Eruditos encontradas em acampamentos queimados nas Terras Livres. Diabretes — minúsculos flagelos com asas — destruindo carruagens e atormentando o gado.

Tudo isso, tenho certeza, tem a mão suja da criatura que se chamava de Keenan.

O Portador da Noite.

Paro para espiar pela janela da frente de uma cabana escurecida. Na noite sombria, não consigo ver nada. Enquanto caminho em direção à próxima casa, a culpa circula no oceano da minha mente, me lembrando da minha fraqueza. *Você deu o bracelete ao Portador da Noite, ela sibila. Você se deixou manipular. Ele está um passo mais próximo de destruir os Eruditos. Quando ele encontrar o restante da Estrela, vai libertar os djinns. E então o que será, Laia?*

Mas o Portador da Noite pode levar anos para encontrar o próximo pedaço da Estrela, racionalizo comigo mesma. E pode estar faltando mais de um pedaço. Pode haver dezenas deles.

Vislumbro um bruxulear de luz adiante. Arranco meus pensamentos do Portador da Noite e sigo em direção à cabana, ao norte do vilarejo. Uma lamparina queima em seu interior. A porta está suficientemente aberta para que eu passe por ela sem tocá-la. Qualquer pessoa planejando uma emboscada não veria nada.

Uma vez dentro, leva um momento para minha visão se ajustar. Quando o faz, abafó um grito. Mamie Rila está sentada, amarrada a uma cadeira, uma sombra emaciada do que foi. A pele morena pende do corpo, e o cabelo crespo e volumoso foi raspado.

Quase vou até ela. Mas um velho instinto me faz parar, me chamando a atenção das profundezas de minha mente.

Ouçó o ruído de botas atrás de mim. Sobressaltada, giro e uma tábua do assoalho range sob meus pés. Percebo um brilho de prata líquida — *Máscara!* —, ao mesmo tempo em que uma mão se fecha sobre minha boca e meus braços são torcidos atrás das costas.

### III

## ELIAS

Não importa quantas vezes eu escape do Lugar de Espera, nunca fica mais fácil. À medida que me aproximo da linha de árvores a oeste, um brilho branco próximo provoca um calafrio em meu estômago. Um espírito. Seguro um palavrão e me mantenho imóvel. Se ele me vir à espreita tão distante de onde eu deveria estar, toda a maldita Floresta do Anoitecer saberá qual é minha intenção. Fantasmas adoram uma fofoca, no fim das contas.

A demora me deixa impaciente. Já estou atrasado — Laia estava me esperando há mais de uma hora, e esse não é um ataque-surpresa que ela deixará passar porque não estou por perto.

*Quase lá.* Caminho a passos largos sobre uma camada fresca de neve até a divisa do Lugar de Espera, que tremeluz à frente. Para um leigo, ela é invisível. Mas, para mim e Shaeva, o muro reluzente é tão óbvio quanto se fosse feito de pedra. Embora eu possa passar por ele facilmente, ele mantém os espíritos e humanos curiosos do lado de fora. Shaeva passou meses pregando a respeito da importância desse muro.

Ela vai ficar exasperada comigo. Não é a primeira vez que sumo do alcance dela quando deveria estar treinando como Apanhador de Almas. Embora seja uma djinn, Shaeva não é muito hábil em lidar com alunos fujões. Eu, por outro lado, passei catorze anos bolando maneiras de me livrar dos centuriões de Blackcliff. Ser pego em Blackcliff significava uma surra de minha mãe, a comandante. Shaeva normalmente apenas me olha de cara feia.

— Talvez eu também devesse instituir surras. — A voz de Shaeva corta o ar como uma cimitarra, e quase saio de minha própria pele. — Assim você

apareceria quando deve, Elias, em vez de fugir de suas responsabilidades para brincar de herói?

— Shaeva! Eu só estava... Hum, você está... fumegando? — O vapor sobe em nuvens carregadas da mulher djinn.

— *Alguém* — ela me encara — esqueceu de pendurar as roupas. Acabaram minhas camisas.

E, tendo em vista que ela é uma djinn, o calor anormalmente alto do seu corpo vai secar sua roupa lavada... após uma hora ou duas de umidade desagradável, tenho certeza. Não é de espantar que ela queira me dar um chute no traseiro.

Shaeva puxa meu braço, seu onipresente calor djinn levando embora o frio que penetrou em meus ossos. Momentos mais tarde, estamos a quilômetros da divisa. Minha cabeça gira com a mágica que ela usa para nos deslocar tão rapidamente através da floresta.

Ao ver o reluzente bosque vermelho djinn, solto um gemido. *Odeio* esse lugar. Os djinns podem estar presos nas árvores, mas ainda têm poder nesse pequeno espaço e certamente o usam para entrar em minha mente sempre que venho aqui.

Shaeva revira os olhos, como se lidasse com um irmão mais novo particularmente irritante. A Apanhadora de Almas faz um gesto rápido com a mão, e, quando libero meu braço, descubro que não consigo caminhar mais do que alguns metros. Ela criou uma espécie de cercado. Finalmente deve ter perdido a paciência comigo se lançou mão do aprisionamento.

Tento manter a calma — e fracasso.

— Que truque sujo.

— Truque que você poderia desarmar facilmente se ficasse aqui para eu lhe ensinar como. — Ela anui para o bosque djinn, onde os espíritos voam entre as árvores. — O fantasma de uma criança precisa ser acalmado, Elias. Vá. Deixe-me ver o que você aprendeu nessas últimas semanas.

— Eu não deveria estar aqui. — Dou um empurrão violento no cercado, mas não resulta em nada. — Laia, Darin e Mamie precisam de mim.

Shaeva se recosta na cavidade de uma árvore e olha de relance para cima, para os trechos de estrelas e céu visíveis através dos galhos secos.

— Falta uma hora para a meia-noite. O ataque-surpresa já deve estar em andamento. Laia estará em perigo. Darin e Afya também. Entre no bosque e ajude esse fantasma a seguir em frente. Se fizer isso, eu baixo o cercado e você poderá partir. Ou seus amigos podem continuar esperando.

— Você está mais mal-humorada que de costume — digo. — Pulou o café da manhã?

— Pare de ganhar tempo.

Murmuro uma praga e mentalmente me preparo contra os djinns, imaginando uma barreira em torno de minha mente que eles não consigam penetrar com seus malditos sussurros. A cada passo no bosque, sinto que estão me observando. Ouvindo.

Um momento mais tarde, risos ecoam em minha cabeça. Surgem em camadas — voz sobre voz, zombaria sobre zombaria. Os djinns.

*Você não consegue ajudar os fantasmas, seu mortal idiota. E também não conseguirá ajudar Laia de Serra. Ela terá uma morte lenta e dolorosa.*

A maldade dos djinns trespassa minhas defesas cuidadosamente erguidas. As criaturas exploram meus pensamentos mais sombrios, desfilando imagens de Laia morta e alquebrada diante de mim, até o ponto em que não sei dizer onde o bosque djinn termina e onde começam suas visões distorcidas.

Fecho os olhos. *Não é real.* Então os abro para descobrir Helene assassinada aos pés da árvore mais próxima. Darin está ao lado dela. Além dele, Mamie Rila. Shan, meu irmão de criação. Sou lembrado do campo de batalha da morte, na Primeira Eliminatória, muito tempo atrás — e, no entanto, isso é pior, porque achei que havia deixado a violência e o sofrimento para trás.

Lembro das lições de Shaeva. *No bosque, os djinns têm o poder de controlar sua mente. De explorar suas fraquezas.* Tento espantá-los, mas eles se mantêm firmes, seus sussurros se imiscuindo furtivamente. Ao meu lado, Shaeva parece tensa.

*Saudações, traidora.* Eles passam a falar com formalidade quando se dirigem à Apanhadora de Almas. *Vossa ruína está próxima. O ar está tomado por seu mau cheiro.*

Shaeva enrijece o maxilar, e imediatamente desejo uma arma que os calasse. Ela já tem o suficiente para se preocupar sem a zombaria deles.

Mas a Apanhadora de Almas simplesmente ergue a mão para a árvore djinn mais próxima. Embora eu não consiga vê-la empregar a mágica do Lugar de

Espera, ela deve tê-lo feito, pois os djinns silenciam.

— Você precisa tentar com mais afinco. — Ela se volta para mim. — Os djinns querem que você se entregue a preocupações insignificantes.

— O destino de Laia, Darin e Mamie não é insignificante.

— A vida deles não é nada comparada ao passar do tempo — diz Shaeva. — Não vou estar aqui para sempre, Elias. Você precisa aprender a passar os fantasmas adiante mais rápido. Há fantasmas demais. — Diante de minha expressão teimosa, ela suspira. — Diga-me, o que você faz quando um fantasma se recusa a deixar o Lugar de Espera até que seus entes queridos morram?

— Ah... bem...

Shaeva dá um resmungo, a expressão em seu rosto me fazendo lembrar o semblante de Helene quando eu me atrasava para a aula.

— E quando você tem uma centena de fantasmas gritando e reclamando sua atenção, todos ao mesmo tempo? — indaga Shaeva. — O que você faz com um espírito que cometeu atos terríveis em vida, mas não sente remorso? Você sabe por que há tão poucos fantasmas das Tribos? Você sabe o que acontecerá se não mover os fantasmas rápido o suficiente?

— Agora que você mencionou isso — digo, a curiosidade instigada —, o que vai acontecer se...

— Se você não passar os fantasmas adiante, isso significará o seu fracasso como Apanhador de Almas e o fim do mundo humano como você o compreende. Ore aos céus que você jamais veja esse dia.

Ela se senta pesadamente, afundando a cabeça nas mãos, e, após um momento, me deixa cair ao seu lado com o peito desagradavelmente oprimido diante de sua angústia. Isso não é como quando os centuriões ficavam bravos comigo. Eu não me importava com o que eles pensavam. Mas *quero* me sair bem com Shaeva. Nós passamos meses juntos, ela e eu — a maior parte do tempo realizando as tarefas de uma Apanhadora de Almas, mas também debatendo a história militar dos Marciais, discutindo de forma bem-humorada sobre afazeres domésticos e compartilhando observações sobre caça e combate. Eu a vejo como uma irmã mais sábia e  *muito* mais velha. Não quero desapontá-la.

— Deixe o mundo humano de lado, Elias. Enquanto não fizer isso, você não vai conseguir fazer uso da magia do Lugar de Espera.

— Eu caminho como o vento o tempo todo. — Shaeva me ensinou o truque de acelerar pelas árvores em um piscar de olhos, embora ela seja mais rápida que eu.

— Caminhar como o vento é uma magia física, simples de dominar. — Shaeva suspira. — Quando você fez o seu juramento, a magia do Lugar de Espera entrou no seu sangue. *Mauth* entrou no seu sangue.

*Mauth*. Reprimo um arrepio. O nome ainda é estranho em meus lábios. Eu não fazia nem ideia de que a magia tinha nome quando ela falou comigo através de Shaeva meses atrás, demandando meu juramento como Apanhador de Almas.

— *Mauth* é a fonte de todo o poder sobrenatural do mundo, Elias. Os djinns, os efrits, os ghuls. Mesmo o poder de cura de sua amiga Helene. Ele é a fonte do *seu* poder como Apanhador de Almas.

*Ele*. Como se a magia fosse viva.

— *Ele* vai ajudá-lo a passar adiante os fantasmas se você o deixar. O verdadeiro poder de *Mauth* está aqui — a Apanhadora de Almas toca suavemente meu coração, então minha têmpora — e aqui. Mas, enquanto você não forjar um elo profundo de sua alma com a magia, não poderá ser um verdadeiro Apanhador de Almas.

— É fácil para você falar. Você é uma djinn. A magia faz parte de você. Ela não vem com facilidade para mim. Em vez disso, me dá um puxão se eu me afastar demais das árvores, como se eu fosse um cão perdido. E, se eu tocar a Laia, malditos infernos... — A dor é intensa o suficiente para eu fazer careta só de pensar.

*Está vendo, traidora, que tolice foi confiar as almas dos mortos a esse pedaço de carne mortal?*

Com a intrusão de seus parentes djinns, Shaeva descarrega uma onda mágica de choque bosque adentro, tão poderosa que até eu sinto.

— Centenas de fantasmas estão esperando para passar, e chegam mais a cada dia. — O suor corre pela têmpora de Shaeva, como se ela lutasse uma batalha invisível aos meus olhos. — Estou muito preocupada. — Ela fala em voz baixa e olha de relance as árvores atrás de si. — Temo que o Portador da Noite esteja trabalhando contra nós, de maneira má e furtiva. Mas não consigo imaginar o plano dele, e isso me preocupa.

— É claro que ele trabalha contra nós. Ele quer soltar os djinns presos.

— Não. Sinto uma intenção sombria — diz Shaeva. — Se algo me acontecer antes que seu treinamento esteja completo... — Ela respira fundo e se recompõe.

— Eu posso fazer isso, Shaeva — digo a ela. — Juro para você. Mas eu disse para Laia que a ajudaria hoje à noite. Mamie pode estar morta. Laia pode estar morta. Eu não sei, porque não estou lá.

Céus, como posso explicar isso a ela? Ela está distante da humanidade há tanto tempo que não é capaz de compreender. Será que ela compreende o amor? Quando ela implica comigo por eu falar enquanto durmo, ou conta histórias estranhas e engraçadas porque sabe que eu sofro por Laia, parece que ela compreende. Mas agora...

— Mamie Rila entregou a vida dela pela minha, e por algum milagre ainda está viva — digo. — Não me faça dar as boas-vindas a ela aqui. Não me faça dar as boas-vindas a Laia aqui.

— Amá-las só vai machucá-lo — diz Shaeva. — No fim, elas vão desaparecer. E você vai continuar. Toda vez que você der adeus a mais uma parte de sua antiga vida, um pedaço seu vai morrer.

— Você acha que eu não sei disso? — Cada momento roubado com Laia é a prova exasperante desse fato. Os poucos beijos que demos, interrompidos pela desaprovação opressiva de Mauth. A fenda se abrindo entre nós à medida que a verdade do meu juramento se aclara. Toda vez que a vejo ela parece mais distante, como se eu a espiasse por uma luneta.

— Garoto tolo. — A voz de Shaeva é suave e compassiva. Seus olhos negros perdem foco e sinto o cercado baixar. — Vou encontrar o fantasma e passá-lo adiante. Vá. E não se descuide da sua vida. Djinns adultos são quase impossíveis de matar, exceto por outros djinns. Quando você se unir a Mauth, também se tornará resiliente a ataques, e o tempo não vai mais afetá-lo. Mas, até lá, tenha cuidado. Se você morrer de novo, não poderei trazê-lo de volta. E — ela chuta o chão, acanhada — eu me acostumei com você.

— Eu não vou morrer. — Seguro o ombro dela. — E prometo que vou lavar a louça o próximo mês inteiro.

Ela ri com descrença, mas a essa altura estou me movendo, caminhando como o vento através das árvores tão rapidamente que consigo sentir os ramos cortando o rosto. Meia hora depois, passo como um foguete por minha cabana e

de Shaeva, pelas fronteiras do Lugar de Espera, e adentro o Império. Assim que deixo as árvores para trás, ventos de tempestade se chocam contra mim e meu avanço desacelera, a mágica enfraquecendo à medida que me afasto da floresta.

Sinto um puxão no peito querendo me levar de volta. Mauth, demandando meu retorno. O puxão é quase doloroso, mas cerro os dentes e sigo em frente. *A dor é uma escolha. Sucumba a ela e fracasse. Ou desafie-a e triunfe.* O treinamento de Keris Veturia, infiltrado em meus ossos.

Quando chego diante do vilarejo onde deveria encontrar Laia, a meia-noite já passou há muito tempo, e a luz do luar abre caminho pelas nuvens de neve. *Por favor, que o ataque-surpresa tenha dado certo. Por favor, que Mamie esteja bem.*

No entanto, assim que entro no vilarejo, sei que há algo errado. A caravana está vazia, as portas das carruagens rangendo na tempestade. Uma camada fina de neve já se acumulou sobre os corpos dos soldados que guardavam as caravanas. Entre eles, não encontro nenhum Máscara. Também não há baixas tribais. O vilarejo está em silêncio quando deveria estar um tumulto.

*Armadilha.*

Reconheço instantaneamente, com tanta certeza quanto reconheço o rosto de minha mãe. Isso é trabalho de Keris? Ela ficou sabendo dos ataques-surpresa de Laia?

Visto o capuz, enrolo um cachecol e me agacho, observando as marcas na neve. Elas estão apagadas — foram limpas. Mas percebo uma pegada familiar: a bota de Laia.

Essas marcas não estão aqui por falta de cuidado. Era para eu saber que Laia entrou no vilarejo. E que não saiu. O que significa que a armadilha não foi armada para ela.

Foi para mim.

## IV

# A ÁGUIA DE SANGUE

— Maldita! — Mantenho um aperto de ferro em torno de Laia de Serra, mas ela resiste a mim com todas as forças. Ela se recusa a abandonar a invisibilidade, e sinto como se lutasse contra um peixe camuflado raivoso. Eu me amaldiçoo por não tê-la nocauteado assim que a agarrei.

Ela acerta um chute terrível em meu tornozelo antes de dar uma cotovelada em meu estômago. Meu controle sobre ela enfraquece, e ela se solta de minhas mãos. Eu me atiro em direção ao som de suas botas, selvagemmente satisfeita com o ruído de sua respiração deixando os pulmões quando a derrubo. Finalmente, ela bruxuleia até se tornar visível, e, antes que consiga fazer seu truquezinho de desaparecer de novo, torço suas mãos às costas e a amarro mais apertado que uma cabra em dia de festival. Ainda ofegante, eu a jogo sobre uma cadeira.

Ela olha para a outra ocupante da cabana — Mamie Rila, amarrada, praticamente inconsciente — e rosna através da mordança. Em seguida dá um chute como uma mula, sua bota me acertando abaixo do joelho. Faço uma careta de dor. *Não revide, Águia.*

Mesmo enquanto ela luta, uma parte estranha de minha mente vibra com a vida em Laia. Ela está curada. Ela está forte. O fato deveria me incomodar.

Mas a mágica que usei em Laia nos une, um vínculo que corre mais fundo do que eu gostaria. Sinto alívio com seu vigor, como se eu ficasse sabendo que minha irmã Livia está saudável.

*O que ela não estará por muito mais tempo, se este plano não funcionar.* O medo me trespassa, seguido por uma punhalada sombria da memória. A sala do trono. O imperador Marcus. A garganta de minha mãe: cortada. A garganta de minha irmã Hannah: cortada. A garganta de meu pai: cortada. Tudo por minha causa.

Eu não verei Livia morrer também. *Preciso* cumprir as ordens de Marcus e derrubar a comandante Keris Veturia. Se eu não voltar a Antium desta missão com algo que possa usar contra ela, Marcus lançará sua ira sobre a imperatriz — Livia. Ele já fez isso antes.

Mas a comandante parece inatacável. Os Plebeus e os Mercadores a apoiam porque ela subjugou a revolução erudita. As famílias mais poderosas do Império, os Ilustres, temem Keris e a Gens Veturia. Ela é artilosa demais para permitir a aproximação de um assassino, e, mesmo que eu a eliminasse, seus aliados se revoltariam.

O que significa que primeiro preciso enfraquecer seu status entre as gens. Devo mostrar a eles que ela ainda é humana.

E para isso preciso de Elias Veturius. O filho que deveria estar morto, que Keris *afirmou* estar morto, mas que está — como eu soube recentemente — vivíssimo. Apresentá-lo como prova do fracasso de Keris é o primeiro passo na direção de convencer seus aliados de que ela não é tão forte quanto parece.

— Quanto mais você resistir a mim — digo a Laia —, mais apertados ficarão os nós. — Dou um puxão nas cordas. Quando ela se encolhe, sinto uma pontada desagradável no fundo do peito. Um efeito colateral por curá-la?

*Isso vai destruí-la se você não for cuidadosa.* As palavras do Portador da Noite sobre a minha magia de cura ecoam em minha mente. Foi isso que ele quis dizer? Que os laços com aqueles que eu curei são inquebráveis?

Não posso perder tempo com isso agora. O capitão Avitas Harper e o capitão Dex Atrius entram na cabana que confiscamos. Harper anui em minha direção, mas a atenção de Dex se volta para Mamie, seu maxilar cerrado.

— Dex — digo. — Chegou a hora.

Ele não desvia o olhar de Mamie. Não é de causar surpresa. Meses atrás, quando estávamos caçando Elias, Dex interrogou Mamie e outros membros da tribo Saif de acordo com minhas ordens. A culpa o persegue desde então.

— Atrius! — disparo. A cabeça de Dex se volta abruptamente. — Assuma seu posto.

Ele se apruma e desaparece. Harper espera pacientemente por ordens, indiferente ao praguejar abafado de Laia e aos gemidos de dor de Mamie.

— Verifique a área — peço a ele. — Certifique-se de que nenhum dos moradores voltou. — Não passei semanas preparando esta emboscada para que

um Plebeu curioso a arruíne.

Enquanto Laia de Serra segue com os olhos o progresso de Harper porta afora, puxo um punhal curto e aparo as unhas. As roupas escuras da garota são justas, abraçando aquelas curvas irritantes de um jeito que me torna consciente de cada osso desajeitadamente saliente em meu corpo. Peguei sua mochila, assim como uma adaga gasta que reconheço com um choque. É de Elias. Seu avô Quin deu para ele como presente de dezesseis anos.

E Elias, pelo visto, a deu para Laia.

Ela sibila contra a mordação enquanto seu olhar dardeja entre mim e Mamie. Sua rebeldia me faz lembrar de Hannah. Eu me pergunto brevemente se, em outra vida, a Erudita e eu poderíamos ter sido amigas.

— Se você prometer não gritar — digo a ela —, eu tiro a mordação.

Ela considera antes de anuir uma vez. Assim que removo a mordação, ela demanda:

— O que você fez com ela? — A cadeira faz um ruído surdo enquanto Laia se esforça em direção à agora inconsciente Mamie Rila. — Ela precisa de remédios. Que tipo de monstro...

O estalo que ecoa pela cabana quando a silêncio com um tapa surpreende até a mim. Assim como a náusea que quase me faz dobrar ao meio. *Céus, o que foi isso?* Seguro a mesa para me apoiar, mas me endireito antes que Laia possa ver.

Ela remexe o maxilar enquanto ergue a cabeça. O sangue goteja de seu nariz. Um ar de surpresa enche aqueles olhos dourados felinos, seguido por uma dose saudável de medo. *Já não era sem tempo.*

— Cuidado com o tom. — Mantenho a voz baixa e indiferente. — Ou eu a amordaço de novo.

— O que você quer de mim?

— Apenas a sua companhia.

Os olhos de Laia se estreitam, e ela finalmente nota os grilhões presos a uma cadeira no canto.

— Estou trabalhando sozinha — ela diz. — Faça comigo o que quiser.

— Você é insignificante. — Volto a aparar as unhas, segurando o sorriso quando vejo como as palavras a irritam. — Na melhor das hipóteses, um mosquito. Não espere dizer o que eu devo fazer. A única razão para você não ter sido esmagada pelo Império é que eu não permiti.

Mentiras, é claro. Ela atacou seis caravanas em dois meses, libertando centenas de prisioneiros no processo. Céus, vai saber por quanto tempo mais ela teria continuado se eu não tivesse recebido o bilhete.

Ele chegou duas semanas atrás. Não reconheci a caligrafia, e quem ou o que quer que o tenha entregado conseguiu passar despercebido por uma maldita guarnição inteira de Máscaras.

#### OS ATAQUES-SURPRESA. É A GAROTA.

Não chamei atenção para os ataques-surpresa. Já temos problemas com as Tribos, que estão iradas com as legiões marciais enviadas para o deserto. A oeste, os Bárbaros karkauns conquistaram os clãs selvagens e agora importunam nossos postos avançados, próximos de Tiborum. Enquanto isso, um feiticeiro karkaun de nome Grímarr arregimentou seus clãs, e eles estão à espreita ao sul, promovendo ataques em nossas cidades portuárias.

Marcus apenas recentemente assegurou a lealdade das gens ilustres. Se eles ficarem sabendo que uma Erudita rebelde está vagando pelo interior causando estragos, ficarão impacientes. E, se ficarem sabendo que é a mesma garota que Marcus deveria ter matado na Quarta Eliminatória, estarão prontos para atacar.

Outro golpe ilustre é a última coisa de que preciso. Especialmente agora que o destino de Livia está vinculado ao de Marcus.

Assim que recebi o bilhete, ligar Laia aos ataques-surpresa foi fácil. Os relatórios vindos da Prisão Kauf casavam com aqueles a respeito dos ataques. *Uma garota que em um momento aparece e no outro desaparece. Uma Erudita renascida dos mortos, buscando se vingar do Império.*

Não era um fantasma. Era uma garota — e um cúmplice extraordinariamente talentoso.

Nós nos encaramos, ela e eu. Laia de Serra é pura paixão. Sentimento. Tudo o que ela pensa está escrito em seu rosto. Eu me pergunto se ela faz alguma ideia do que seja o dever.

— Se eu sou insignificante — ela diz —, por que... — A compreensão brilha subitamente em seu rosto. — Você não está aqui por minha causa. Mas se está me usando como isca...

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um assassino nos portões" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).